

ANCHIETA: A CONTRIBUIÇÃO CANÁRIA
NA COLONIZAÇÃO PAULISTA

ROSELI SANTAELLA STELLA

«D. Diogo de Avalos, vizinho de Chuquiabue no Peru, em a sua Miscelânea Austral, diz que em as serras de Altamira em Espanha havia uma gente bárbara, que tinha ordinária guerra com os espanhóis e que comiam carne humana, doque enfadados os espanhóis juntaram suas forças e lhes deram batalha na Andaluzia, em que os desbarataram e mataram muitos. Os poucos que ficaram, não se podendo sustentar em terra, a desampararam e se embarcaram pera onde a fortuna os guiasse, e assi deram consigo nas ilhas Fortunadas, que agora se chamam Canárias, tocaram as de Cabo Verde e aportaram no Brasil. Saíram dois irmãos por cabos desta gente, um chamado Tupi e outro Guarani, este último, deixando o Tupi, povoando o Brasil, passou a Paraguai com sua gente e povoou o Perú.»¹

Como se pode notar, a relação entre o Brasil e as ilhas Canárias ocorreu antes mesmo da chegada de Cristóvão Colombo na América, se analisarmos a questão à luz das lendas existentes. O trecho acima fielmente reproduzido é sugestivo para iniciarmos esta abordagem e, sobretudo, curioso quando faz alusão ao fato de que o aborígine americano tenha descendência ibérica, se bem que o próprio autor da citação, Frei Vicente do Salvador, afirme que «esta opinião não é certa»². O que importa é que na busca de elementos referentes ao Brasil e Canárias, a mais remota menção nominal que se encontra é esta, não cabendo aqui o desenvolvimento das hipóteses que cercam a origem do nativo americano, nem mesmo a abordagem dos feitos do Padre José de Anchieta, como o próprio tema pode sugerir³. Outro elemento de relação é a rota marítima do comércio clandestino ou não, tocando nas Canárias com destino ao Brasil, digna de minuciosa investigação.

O presente estudo objetiva verificar a presença do primeiro emigrante canário a estabelecer-se no Brasil, sua atuação e contribuição no processo de formação do povo brasileiro. Quando constatamos que este islenho tratava-se do Padre José de Anchieta, a delimitação da análise tornou-se necessária por ser ele um elemento extremamente produtivo, cuja atividade religiosa teve implicações sociais e demográficas, já que o seu trabalho de catequese não era baseado somente em sermões e pregações. Sua obra vai desde uma gramática para a língua tupi, até peças teatrais e poemas escritos em castelhano, tupi, português, latim e polilíngües⁴. Dramaturgo e historiador, suas atividades doutrinárias implicaram na formação da cultura nacional e fixação dos «brasis»⁵ em núcleos de povoamento. A amplitude de realizações limitou este estudo ao campo de ação de Anchieta, no caso, direcionado à villa de São Paulo e aldeias circunvizinhas, com especial atenção à de São Miguel, hoje com população superior a 700 mil habitantes, cuja ocupação efetiva deu-se no século XVI e não a partir do ano de 1622, data de conclusão das obras da capela jesuítica ainda existente e marco do sucesso missionário alcançado e iniciado por Anchieta em período anterior a essa data. Tão expressivo bairro operário desta metrópole sulamericana que é a cidade de São Paulo⁶, merece tratamento mais sério na busca histórica de suas origens.

JOSÉ DE ANCHIETA: DE TENERIFE AO BRASIL

Nascido em 1534, em São Cristóvão da Laguna, foi estudar em Coimbra, onde conheceu a Companhia de Jesus, nova ordem religiosa fundada por seu parente Inácio de Loyola, para ela entrando a 1 de maio de 1551. Enfermo, talvez portador de tuberculose, solicitou ao Padre Miguel de Torres, seu superior, ser enviado ao Brasil, antes mesmo que se ordenasse⁷.

Ambiente hostil, população bárbara e precários meios de colonização, a posse de terras americanas efetivada por Portugal em 1500 não significava a instalação de frentes pioneiras d'ocupação. A primeira expedição colonizadora foi organizada trinta anos depois; antes disso, só diligências de reconhecimento e defesa. A divisão do território em 1534, no sentido horizontal, da costa até o meridiano de Tordesilhas, atraiu 12 proprietários (capitães-donatários) e colonos que, em pouco tempo, viram seus empreendi-

mentos frustrados por falta de recursos de toda espécie diante da hostilidade do próprio meio, o que levou a metrópole portuguesa a instituir em 1548 um governo central no Brasil, para superar as dificuldades até então evidenciadas, regulamentando as relações entre os indígenas e capitães donatários.

Até esta data, encontramos no Brasil na condição de habitantes fixos, apenas portugueses degredados e colonos. Investidas inglesas, holandesas e francesas ocorreram, todavia, de caráter puramente corsário. O objetivo fixador só viria com os franceses a partir de 1555, na tentativa de instalação da França Antártica no Rio de Janeiro e, para os demais estrangeiros, depois de 1580, com o domínio espanhol no Brasil⁸ e as repercussões na política européia com a união peninsular. Este fato marca a ida de espanhóis, de sorte que, de norte a sul, estavam espalhados no território brasileiro na condição de sobreviventes de naufrágios ou para cumprir penas, ou por abandono das regiões americanas de Castela ou, ainda, aqueles de origem judaica foragidos da caçada organizada pela Inquisição⁹. De 1580 a 1590, estabeleceram-se em São Vicente (São Paulo), 14 indivíduos de origem espanhola¹⁰. Durante o século XVII, outros muitos vieram nas expedições de defesa contra os holandeses e na busca de metais preciosos, acabando por não regressarem. Antes da união das duas coroas, Pedro Taques de Almeida Paes Leme, na sua Nobiliarquia Paulistana Histórica e Genealógica¹¹, aponta apenas um sevilhano em São Paulo, aí residindo desde 1571.

Verificando-se a formação das expedições missionárias¹² da Companhia de Jesus com destino ao Brasil, notamos que a primeira (1549) era composta de 5 missionários portugueses e 1 navarro, a segunda (1550) por 4 portugueses e a terceira com 7 missionários, entre eles, 5 portugueses, 1 castelhano e 1 canário, o primeiro islenho de que se tem notícia, a aportar na América portuguesa. José de Anchieta, 19 anos, ainda simples irmão, embarcou em Lisboa a 8 de maio de 1553, na armada do 2.º governador geral, D. Duarte da Costa, chegando na Bahia a 13 de julho, de onde partiu em outubro do mesmo ano para São Vicente, pequena vila junto ao mar, dotada de um colégio jesuíta, inaugurado em fevereiro de 1553.

SÃO PAULO: CAMPO ABERTO PARA A PROPAGAÇÃO CRISTÃ

Por esse tempo o Padre Manoel da Nóbrega era o provincial da Companhia de Jesus no Brasil, cuja tarefa agora era evitar a disper-

são dos centros de catequese e propagar a fé na terra mais aparelhada para a conversão do gentio, porque nunca tiveram guerra com os cristãos além de se encontrar aí o caminho mais seguro para entrar nos sertões, como ele próprio afirmava¹³.

Subindo a serra, chegou à aldeia de Piratininga, chefiada pelo índio Tibiriçá, velho conhecido dos portugueses, tendo uma filha casada com João Ramalho, português morador em Santo André da Borda do Campo, vila situada entre a serra e a aldeia indígena. A preocupação com a segurança dos sacerdotes e seminaristas vulneráveis às investidas dos corsários e índios hostis fez com que o Padre Manoel da Nóbrega ordenasse em 1553 a mudança do colégio, da vila para o campo, deixando em São Vicente «apenas os jesuítas estritamente indispensáveis aos ministérios locais»¹⁴. José de Anchieta comenta o fato:

«Assim, alguns dos irmãos mandados para esta aldeia, que se chama Piratininga, chegamos a 25 de Janeiro do ano do Senhor 1554, e celebrámos em paupérrima e estreitíssima casinha a primeira missa, no dia da Conversão do Apóstolo São Paulo e, por isso, a ele dedicámos a nossa casa»¹⁵.

Tibiriçá foi convencido a transferir a sua aldeia para junto do colégio que ajudou construir e aí

«se começou o estudo da gramática de propósito e a conversão do Brasil porque naquela aldeia se ajuntaram muitos índios daquela comarca e tinham doutrina ordinária pela manhã e à tarde e missa aos dias santos,... e se começaram a batizar e casar e viver como cristãos, o qual até aquele tempo não se tinha feito nem na Baía nem em outra parte»¹⁶.

Piratininga prosperava enquanto que a vila de Santo André declinava, fator determinante para que Mem de Sá, governador geral do Brasil, ordenasse em 1560 a transferência desta para o campo, passando São Paulo à categoria de vila. Qual a repercussão dessa alteração no povoado jesuíta? É evidente que para os religiosos o fato poderia trazer benefícios decorrentes do progresso. E para os nativos, que até o momento não conheciam qualquer desentendimento com os jesuítas? É de se entender que assistindo a um movimento maior de estranhos habitantes, os silvícolas tenham se dado

conta das transformações a que estariam sujeitos; na verdade, os seus padrões de vida estavam ameaçados. Parte deles abandonam as imediações do colégio dirigindo-se para locais que não lhes eram estranhos, pois de hábitos nômades conheciam muito bem a região à sua volta. Sobre o episódio escreve Frei Gaspar da Madre de Deus:

«... os índios ali moradores vendo que iam concorrendo portugueses e ocupando as suas terras desampararam São Paulo e foram situarse em duas aldeias, que novamente edificaram uma com o título de Nossa Senhora dos Pinheiros e a outra com a invocação de São Miguel»¹⁷.

É importante notar que o historiador beneditino usou a designação utilizada na época em que escreveu as suas memórias (século XVIII) pois, no caso de São Miguel, a localidade primitivamente era conhecida como Ururay, sendo evidente que só a partir da visita de religiosos é que as aldeias recebessem nomes com denotação cristã, marco de presença do Todo Poderoso Deus.

Disperso o rebanho, o procedimento a ser seguido viria com a orientação do Padre Manoel da Nóbrega, que

«Depois de estar em Piratininga alguns dias, nos mandou o Padre visitar as povoações dos índios nossos antigos discipulos, os quais como que há muito tempo tomando os costumes do Demonio, estão já afeiçoados a este ruim mestre, que mui pouco querem aprender de nós outros... Praza ao Senhor que chegue já o tempo desejado, como aconteceu aos da Baía, com cuja conversão se podem nossos Irmãos consolar, e entretendo rogará Nosso Senhor pela conversão destes.»¹⁸

Em carta anterior¹⁹, explica Anchieta que a conversão da Bahia foi propiciada pelo agrupamento dos índios em grandes aldeias, facilitando a doutrinação. Essa experiência seria aplicada em São Paulo pois, na Informação do Brasil e suas Capitánias, escrita por ele em 1584, quando descreve Piratininga, salienta que

«Junto desta vila, ao princípio havia 12 aldeias, não muito grandes, as quais eram continuamente visitadas pelos Padres e se ganharam muitas almas pelo batismo e outros sacramentos. Agora estão quasi juntas todos em duas: uma está uma légua da

vila, outra duas, cada uma das quais tem igreja e é visitada dos nossos como acima se disse.»²⁰

Em trecho anterior, da mesma missiva²¹, reforça a informação das duas igrejas construídas em duas aldeias.

Feitas essas observações, ainda são necessários outros elementos para a comprovação de que fosse São Miguel, uma das aldeias com igreja a que se refere Anchieta e, para tanto, dispomos da cópia da carta de doação de terras aos índios²², feita por Jeronymo Leitão, Capitão de São Vicente, no dia 12 de outubro de 1580, da qual transcrevemos os trechos mais sugestivos:

«... faço a saber a todos os juizes e justiçaes officiaes e pessoas desta capitania que esta minha carta de dada de terras de sesmarias de hoje para todo sempre virem em como a mim enviaram a dizer os índios de Piratinim da aldeia dos Pinheiros e da aldeia de Ururai... mandei o tabellião que passasse aos taes índios e vendo sua petição e as razões que nella allegam serem justas e outrosim a maior parte delles serem christãos e terem suas igrejas estarem sempre prestes para ajudarem a defender a terra e a sustental-a... dou seis léguas em quadra ao longo do rio Ururay para os índios da aldeia do dito Ururay...»

Fica, assim, esclarecida a questão sobre a ocupação de São Miguel pelos índios saídos de São Paulo, a visita aos mesmos pelos jesuitas, bem como a reconversão conseguida posteriormente, após árduo trabalho, já que

«... no ano de 1562 que uns poucos do sertão por sua maldade (ficando a maior parte amiga como dantes) deram guerra a Piratininga, vila de São Paulo, onde ha casa da Companhia 10 léguas da povoação do mar de São Vicente, mas logo o segundo dia foram fugindo para suas tareas pela resistêcia que acharam nos Portugueses e Indios cistões que forma contra seus mesmos pais, filhos e irmãos em defensão da igreja. Dai a pouco tempo morreram os mais dêstes levantadose e tornaram a ficar as pazes e amizades fixas como dantes»²³.

El que muere en el pecado,
sin arrepentirse de él,
elte tal, es excusado
campanas doblar por él²⁴.

Para a reconstrução dos fatos que cercaram São Paulo por ocasião de permanência de Anchieta (1554 a 1577), não podemos deixar de utilizar a sua obra escrita em forma de autos e poesias, em geral destinadas a festas populares e espetáculos teatrais encenados pelos indígenas. Ainda que compostas posteriormente, acreditamos que as composições sejam fruto de toda a sua experiência de vida e por essa razão fundamental para ilustrar alguns episódios por ele descritos. As poesias selecionadas, originalmente foram escritas em castelhano.

Resta, todavia, a análise dos fatos com o objetivo de estabelecer o ano em que se efetivou a ocupação da aldeia de Ururay, com princípios de civilização cristã, já que a região era anteriormente habitada de forma esporádica, por silvícolas de hábitos não sedentários.

Quais os dados de que dispomos até o momento para recuar a fundação de São Miguel a período anterior a 1622²⁵? Teria Anchieta contribuído para fixar o indígena em pontos estratégicos para a defesa da própria vila e, aglutinação de outros tantos? A primeira questão é de resolução muito simples, segundo os registros anchietanos já apresentados, únicos elementos históricos existentes sobre o episódio. Em 1560, ocorre a dispersão indígena da vila de Piratininga. Em junho de 1561, o Padre Manoel da Nóbrega manda que as povoações de antigos discípulos sejam visitadas, o que nos leva a crer que a visita tivesse ocorrido algum tempo depois, ainda no mesmo ano, pois, a denominação cristã dada à aldeia lembra o dia 29 de setembro, sendo que em março do ano seguinte, em carta escrita de Piratininga ao Geral Diogo Lainez, informa Anchieta que

«Com os Brasis, nossos antigos discípulos, que com tanto afã e trabalho andavamos criando, não temos conta alguma, e digo não temos, porque eles se hão feito indispostos para todo bem, dispersando-se por diversas partes, onde não podem ser ensinados, e assim tornam-se todos aos costumes de seus pais; mas contudo não deixamos de visitá-los de quando em quando, trazendo-lhes à memória que hão recebido os mandamentos de Deus...»²⁶

Dalli luego fué ayuntar
 por desiertos y poblados,
 por valles y por collados
 y ribera de la mar,
 los carneros derramados.

Con su palabra de vida
 los lobos ahuyentaba.
 Con su palabra ayuntaba
 la manda desparcida
 y la yunta conservaba²⁷.

É evidente que os «carneros derramados» foram visitados entre junho de 1561 e março de 1562, sendo que o dia de São Miguel está mais próximo do mês de junho do que de março, reforçando a tese de que a visitação pode ter ocorrido até no dia do orago. O Padre Hélio Abrantes Viotti, profundo conhecedor dos trabalhos anchietanos no Brasil, acredita que a escolha do mesmo foi de iniciativa pessoal de Anchieta pois desde a infância em Tenerife, conviveu com a ermida de São Miguel, «na praça» del Adelantado, «a dois passos de sua casa natal»²⁸.

Quanto à atuação de Anchieta em São Miguel, registrou o Frei Agostinho de Santa Maria, no minucioso trabalho de 10 Volumes intitulado Santuário Mariano²⁹:

«Nas grandes missoens que fez aquelle apóstolo do Brasil o Padre Joseph de Anchieta, e os seus companheyros aos certões, que se estendem além dos campos de Piratinga, em que se fundou a cidade de São Paulo, e de donde trouxerão huma grande quantidade de almas,... porque daquele lugar queria Deos, se desse principio à conversão daquella multidão de gentilidade, e dalli se começassem a agregar ao gremio da Igreja aquellas numerosas turmas de gentios. Para isto lhe dispoz o mesmo Santo Padre Anchieta quatro Aldeas³⁰, a primeyra encomendou ao Archanjo São Miguel,... lhe dizia missa todos os dias, hum dia em hũa, outro em outra, e com o favor de Deos os hia dispondo, apartando-os do seus barbaros e gentilicos costumes, e para que observassem a vida dos Chistãos, lhe levantou escolas de ler, e escrever, e canto...»

A assistência espiritual e material rumo à cristianização, levada a cabo durante a permanência de Anchieta em São Paulo, foi de tal

maneira positiva, capaz de concretizar o desejo de juntar em grandes aldeias os silvícolas dispersados, onde pudessem aprender depressa a doutrina e os rudimentos da Fé, como deu-se em Salvador. Os efeitos desse trabalho seriam constatados por ele, já em 1585, quando escreve suas Informações sobre Piratininga³¹:

«Tem duas aldeias de Índios a seu cargo: uma intitulada da Conceição da Nossa Senhora dos Pinheiros, que dista uma legua da vila, e outra intitulada de São Miguel que dista duas leguas. Entre ambas terão 1.000 pessoas, e ha nesta terra muito bom aparelho para a conversão por haver ainda um grande número de gentio não muito longe.»

Com este trecho tocamos no aspecto estratégico defensivo e aglutinador das missões religiosas em aldeamentos indígenas, tema para futuros estudos, no momento só mencionado por denotar o papel desempenhado por São Miguel e motivo pelo qual foi escolhida como um dos pontos onde esforços deveriam ser empreendidos para atingir os ideais preconizados pela Companhia de Jesus.

A HISTORICIDADE NOS REGISTROS ANCHIETANOS

É indissolúvel qualquer relação entre a obra escrita por Anchieta, literária ou não, e a historicidade nela contida. Seus poemas trazem o movimento de quem vinenciou a situação, que envolve os fatos; afirmar que foram criados para ilustrar os acontecimentos relatados, nos parece incoerente, entretanto, essa é a sensação que tem o investigador quando, após a leitura de uma carta se depara com uma poesia relacionada ao tema. Por outro lado, é indiscutível a facilidade com que Anchieta transportava para a sua obra escrita os seus próprios anseios, experiências e origens. Com respeito a este último aspecto, embora tivesse ele deixado sua terra natal com pouca idade, a ascendência castelhana não foi esquecida pois, quando descreve alguns animais³² e frutos³³ encontrados no Brasil, faz relação com os existentes na Espanha.

Sugestivo para a compreensão da reminiscência na dramaturgia anchietana é o seu último trabalho. Escrito em espanhol, quando já se encontrava enfermo, pouco antes de morrer em 1597, na pequena aldeia indígena à beira mar denominada Reritiba, hoje Anchieta, no

Espírito Santo. Trata-se de um auto poético intitulado «Na visitaçõ de Santa Isabel», em que um romeiro saúda a Santa e ao retirar-se, Nossa Senhora aparece para abençoá-lo, sendo homenageada por quatro companheiros do romeiro, finalizando com cantos na retirada. Dada a extensão da obra, optamos por reproduzir apenas as estrofes que por si só conduzem à verdade.

«Estando Santa Isabel sentada numa cadeira, na capela, antes de começar-se a missa, entra a visitá-la um romeiro castelhano³⁴:

- | | |
|----------------------------|---|
| Santa Isabel | — Parecéis cansado estar.
Decidme, ¿quién sois, hermano? |
| Romeiro | — Un romero castellano,
que os vengo a visitar
y ponerme en vuestra mano. |
| Santa Isabel ³⁵ | — ¡Bien vengáis, fiel romero,
que, con grande devoción,
a honrar, de corazón
venís, con amor entero,
mi santa visitación! |
| Romeiro ³⁶ | — Pido a la suma clemencia
(pues me hizo acá hallar),
me perdone y quiera dar
que haga tal penitencia
con que la pueda agradar.

Que esta tierra, vuestra amada,
yo creo que siempre llora
a los pies de esta Señora,
su mala vida pasada,
que quiere enmendar agora. |
| Romeiro ³⁷ | — Yo me voy muy consolado,
mas suplicoos que roguéis
por mí, pecador malvado,
con aquel santo cuidado
que de los pobres tenéis. |

Vai-se o romeiro, e chegando a porta da igreja o chama um anjo, que vem diante de Nossa Senhora, a qual entra com o vestido e manto de misericórdia, que trazem os anjos estendido de ambas as partes:

Anjo — Volved acá, castellano,
que la madre de Jesús
viene, pues sois buen cristiano,
a daros muy clara luz,
y teneros de su mano,

para que podáis andar
por este camino estrecho,
con grande fervor del pecho,
entrando, sin punto errar,
en el cielo, muy derecho.

Nossa Senhora³⁸ — Pido al Padre soberano
y al Hijo, Nuestro Señor,
y al Espíritu dados
de vidas, ponga su mano
sobre vos, con dulce amor.

Romeiro — Pues que Dios en vos se encierra,
de los malos yo, el más malo,
os pido que, en paz y guerra,
todo el pueblo de esta tierra
tratéis con todo regalo.

Pártome, sin me partir
de vos, mi madre y señora,
confiado que, en la hora
en que tengo de morir,
seréis mi visitadora.

Vão-se os romeiros e Nossa Senhora recolhe-se, e vãolhe cantando a cantiga³⁹:

¿Quien te visitó, Isabel,
que Dios en su vientre tiene?
Hazle fiesta muy solemne,
pues que viene Dios en él.

Éste es el gran vergel
de vingindade cercado,
de cuyas flores creado
fue' aquel panal de miel

que se llama Emanuel,
que en su vientre limpio tiene.
¡Hazle fiesta muy solemne,
pues que viene Dios en él!»

É importante lembrar que a autora da transcrição e tradução das «Poesias» de Anchieta, M. de L. de Paula Martins, quando nas notas prévias⁴⁰ examina as características da obra, admite o exagero dramático do jesuíta, apresentando uma estrofe precedida da justificativa: «exagera como um bom espanhol». É a manifestação da origem hispânica, desse que foi o primeiro emigrante canário a estabelecer-se no Brasil.

UM FRAGMENTO DO TRABALHO DE ANCHIETA EM SÃO PAULO

Somente o sonho doutrinário do grupo inicial de jesuítas estabelecidos em São Paulo em 1554, poderia levar adiante o processo de colonização instaurado em 1560. Sem a extinção dos hábitos bárbaros, substituídos por princípios civilizados, fruto da própria cristianização, as aldeias jesuíticas teriam ficado á margem do progresso. A vila de Piratininga não teria se transformado na atual Metrópole de São Paulo e Ururay, hoje tão pouco seria São Miguel Paulista, bairro operário responsável por grande parte de mão-de-obra utilizada no abastecimento do maior conglomerado industrial da América Latina, representado pelas fábricas paulistas.

A relação desses jesuítas com São Miguel é simplesmente uma questão de reconhecimento, em particular feito a Anchieta pois, seguindo os seus passos pelo vasto território brasileiro nos deparamos com a sua presença e atuação. Por falta de elementos objetivos não podemos afirmar que tenha sido ele o fundador de São Miguel, entretanto, estamos seguros de que, das visitas a que se referiu, ele certamente fazia parte. Transpor a serra entre a vila de Piratininga e a vila de São Vicente, cujo caminho descrevia como «um dos mais trabalhosos caminhos que creio ha em muita parte do mundo»⁴¹, se

constituiu em uma trajetória normal, dada a frequência das viagens. E São Miguel, quantas vezes teria sido visitada, estando cinco vezes mais próxima de Piratininga? Um fato é certo: Anchieta esteve na aldeia indígena, tanto é que noticiou o número de almas e a igreja existente (dados a que já nos referimos). Ainda, não levamos em consideração as informações sobre os milagres do Padre, um deles ocorrido durante sua estada em São Miguel⁴².

A inexistência de documentos jesuíticos deve-se à queima de arquivo, ocorrida quando os padres da Companhia de Jesus foram expulsos de São Paulo em 1640. Da igreja a que se refere Anchieta, não possuímos também o mais remoto vestígio. Devido a fragilidade da construção ou ao pequeno tamanho do templo, em proporção ao número de brasis que a cada dia se aproximavam, o fato é que a aldeia de Ururay mereceu uma igreja de dimensão comparada à da própria vila, como resultado do trabalho apostólico desenvolvido anteriormente.

Hoje, na condição de capela, o templo inspira reflexões não só históricas como arquitetônicas. Concluído em 1622, é o monumento mais antigo existente em São Paulo e um dos poucos do período no Brasil. Singular pela forma estrutural e decorativa, além de sugerir semelhanças com construções típicas espanholas e hispano-americanas, sua inserção no presente estudo se faz necessária, por se tratar de um fragmento da obra anchietana em território paulista, alicerce seguro para a colonização portuguesa. Por outro lado, a apresentação de alguns dados sobre a ermida, visa contribuir para instigar a pesquisa sobre a arquitetura brasileira e a relação com a colonização espanhola na América, sendo apenas conveniente no momento, a explicação de alguns detalhes preciosos desse simplório e ao mesmo tempo rico monumento.

A importância da capela é reforçada por ser o único exemplar com balcões ou alpendres que sobrevive em São Paulo. Utilizando apenas a terra nas paredes de taipa de pilão e madeira, os arquitetos seiscentistas aplicaram soluções simples, corretas e seguras.

Os balcões eram uma extensão do próprio templo, que no caso de receber a visita de forasteiros, fazia o papel de alojamento. Alguns historiadores acreditam que o alpendre fosse um instrumento em favor do mais poderoso para a separação da classe social inferior, representada pelo índio, negro ou mestiço. Nesse caso, a hipótese não pode ser aceita, pois sendo um projeto jesuíta, o templo buscava atrair e integrar o silvícola ao ambiente religioso e civili-

zado, para conseguir dele a adaptação aos novos valores e consequentemente a conversão. Seu objetivo comunitário manifestava-se nas formas de aproximação e não de afastamento ou distância por patamar de inferioridade. Quanto aos negros, a região não registra a necessidade de utilização da mão-de-obra escrava africana pois, não atuava como centro produtivo agrícola e nem urbano, de maneira que no século XVII a la aldeia ainda não passava de um ponto estratégico importante para a propagação da fé.



Anchieta: A Contribuição Canária na Colonização Paulista. Roseli Santaella Stella.

A capela de São Miguel apresenta balcão fronteiro e lateral, com a diferença que o primeiro é aberto e com pilastras e são idênticos ou semelhantes aos encontrados nas residências da Colômbia, Venezuela, Equador e Espanha⁴³. Esta é a afirmação de Aracy A. Amaral, no trabalho sobre a hispanidade em São Paulo, onde evidencia a influência espanhola, vinda diretamente ou através da hispano-américa. O alpendre lateral e as janelas são fechadas com varetas de madeira, uma forma de se proteger do sol nos dias quentes e das chuvas, segundo os «princípios paladianos já amplamente utilizados na Espanha no século XVI, ao contrário de Portugal».⁴⁴



Anchieta: A Contribuição Canária na Colonização Paulista. Roseli Santaella Stella.

A pequena ermida, apresenta a simplicidade das formas das residências de fazenda e a austeridade de quem implacável ao tempo, resiste com a força de edificações conhecedoras de nobres materiais. A fragilidade aparente na imagem e a firmeza dos princípios, é uma característica da própria figura anchietana, deixada talvez para perpetuar a sua obra na terra paulista.



Anchieta: A Contribuição Canária na Colonização Paulista. Roseli Santaella Stella.

NOTAS

1. Frei Vicente do SALVADOR, História do Brasil, p. 77.
2. *Ibid.*, p. 77.
3. A bibliografia completa sobre o Padre José de Anchieta encontra-se no trabalho de Hélio Abrantes VIOTTI, intitulado Anchieta O Apóstolo do Brasil.
4. Para o conhecimento dos textos anchietanos é fundamental consultar os poemas reunidos com o título de POESIAS.
5. José de ANCHIETA, Cartas, passim. Essa denominação é dada ao nativo.
6. Maior cidade sulamericana com população de 10.063.110 habitantes (em 1985), segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, no Anuário Estatístico do Brasil, de 1987, p. 74. Este é o dado mais atualizado.
7. Hélio Abrantes VIOTTI, *op. cit.*, pp. 28, 29, 30.
8. Tese de Doutorado a ser apresentada em 1991, pela signatária desta comunicação.
9. Roseli Santaella STELLA. Atuação dos Cristãos Novos no Brasil Durante o Dôminio Espanhol, pp. 2, 3.
10. José Gonçalves SALVADOR, Os cristãos-Novos: povoamento e conquista do solo brasileiro (1530-1680), p. 92.
11. Pedro Taques de Almeida Paes LEME, Nobiliarquia Paulistana Histórica e Geneológica, p. 75.
12. Serafim LEITE, História da Companhia de Jesus no Brasil, Tomo I, Apêndice J, Catálogo das Expedições Missionárias de Lisboa para o Brasil (1549-1604), pp. 560, 561.
13. Manoel da NÓBREGA, Cartas do Brasil, p. 144.
14. Serafim LEITE, *op. cit.*, Tomo I, Livro III, Cap. VI, p. 272.
15. José de ANCHIETA, Cartas, p. 48.
16. *Ibid.*, p. 324.
17. Frei Gaspar da MADRE DE DEUS, Memórias para a História da Capitania de São Vicente, p. 125.
18. José de ANCHIETA, Cartas, p. 176. Escrita em São Vicente, a 12 de junho de 1561.

19. *Ibid.*, p. 160.
 20. *Ibid.*, p. 329.
 21. *Ibid.*, p. 325.
 22. Registro Geral da Câmara Municipal de São Paulo, Vol. I, pp. 354, 355.
 23. José de ANCHIETA, Cartas, p. 315. Na carta escrita ao geral Diogo Lainez, de São Vicente, a 16 de abril de 1563, *op. cit.*, pp. 191 a 197, Anchieta detalhadamente descreve o ataque, não deixando dúvidas quanto a participação de alguns índios de São Miguel.
 24. José de ANCHIETA, Poesias, p. 473.
 25. Na porta principal da Capela de São Miguel, há uma inscrição onde consta o ano de 1622, data em que erroneamente é comemorado o aniversário do bairro.
 26. José de ANCHIETA, Cartas, p. 189.
 27. José de ANCHIETA, Poesias, p. 442.
 28. Hélio Abrantes VIOTTI, *op. cit.*, p. 85.
 29. Frei Agostinho de SANTA MARIA, Santuário Mariano, pp. 161, 162.
 30. Nota-se divergência quanto ao número de aldeias, segundo informação de Anchieta. No presente estudo não são oportunas as considerações decorrentes.
 31. José de ANCHIETA, Cartas, p. 432.
 32. *Ibid.*, p. 128.
 33. *Ibidem*, p.328.
 34. José de ANCHIETA, Poesias, p. 531.
 35. *Ibid.*, p. 532.
 36. *Ibid.*, p. 542.
 37. *Ibid.*, p. 543.
 38. *Ibid.*, p. 547.
 39. *Ibid.*, p. 548.
 40. *Ibid.*, p. 37. Estrofe caracterizada:
- «¿Cómo puedo yo vivir
 pues que se muere mi vida?
 y. con muerte tan sentida,
 ¿cómo vivo sin morir?»
41. José de ANCHIETA, Cartas, p. 328.
 42. Simão de VASCONCELOS, Vida do Venerável Padre José de Anchieta, p. 188.
 43. Aracy A, AMARAL, A hispanidade em São Paulo, p. 24.
 44. *Ibid.*, p. 41.

BIBLIOGRAFIA

I - Fontes impressas

- ANCHIETA, S. J., José de (1989): *Poesias*, Editora Itatiaia - Belo Horizonte e Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- (1988): *Cartas, Informações, fragmentos Históricos e Sermões*, Editora Itatiaia, Belo Horizonte e Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- ANUÁRIO ESTATÍSTICO DO BRASIL (1988): Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE.
- NÓBREGA, S. J., Manoel da (1987): *Cartas do Brasil*, Editora Itatiaia, Belo Horizonte e Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- REGISTRO GERAL DA CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO (1917): Vol. I, 1586-1636, Publicação Oficial do Arquivo Municipal de São Paulo, São Paulo.
- SALVADOR, Frei Vicente do (1982), *História do Brasil: 1500-1627*, Editora Itatiaia, Belo Horizonte e Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo.

II - Bibliografia

- ABRANTES VIOTTI, S. J., Hélio (1966), *Anchieta o Apóstolo do Brasil*, Edições Loyola, São Paulo.
- ABREU AMARAL, Araci (1981), *A Hispanidade em São Paulo*, Livraria Nobel, São Paulo e Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- ALMEIDA PAES LEME, Pedro Taques de (1980), *Nobiliarquia Paulistana Histórica e Genealógica*, Editora Itatiaia, Belo Horizonte e Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo.

- GONÇALVES SALVADOR, José (1976): *Os Cristãos - Novos, Povoamento e Conquista do Solo Brasileiro, 1530-1680*, Livraria Pioneira Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- LEITE, S. J., Serafim (1938): *História da Companhia de Jesus no Brasil, Vol. I*, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro.
- SANTA MARIA, O.S.A., Frei Agostinho de (1722), *Santuário Mariano, Oficina de Antonio Pedroso Galvam*, Lisboa.
- SANTAELLA STELLA, Roseli, *Atuação dos Cristãos Novos no Brasil durante o Domínio Espanhol, 1580-1640*, In: *I Congresso Internacional sobre a Inquisição*, 198, São Paulo. No prelo.
- VASCONCELOS, S. J., Simão (1953), *Vida do Venerável Padre José de Anchieta*, Lello e Irmão Editores, Porto.